

Prova teórica de avaliação para o Acesso ao Ensino Superior para Maiores de 23 Anos 11 de junho de 2015

Parte I – Prova de Língua e Cultura Portuguesas

I

Leia atentamente o seguinte texto:

A política de educação terá de se concentrar no lado da procura se quer mudar esta sina. A conclusão, reveladora, é de Mário Centeno, o economista-estrela de António Costa

Mostrei aos meus filhos um gráfico com um indicador simples: quem estuda vive melhor no futuro. Eles reagiram primeiro sem espanto. Quando mergulhámos juntos nos números, porém, captaram a amplitude — em Portugal, estudar mais equivale a receber um enorme prémio salarial face a quem fica pelo caminho. Enorme significa: quase 200% acima de quem encalha no secundário, mais de 300% comparado com os que se quedam no 3º ciclo. Concluíram: vamos estudar mais.

Estes números fazem parte de um estudo mais vasto de Mário Centeno sobre os jovens e o mercado de trabalho, sendo que me parece que o seu grande objetivo consiste em mostrar como a economia pode ser útil a estruturar as políticas públicas de um país. No caso, sugerindo que um ministro da Educação deverá investir tanto do lado da oferta (novas escolas e melhores professores) como no lado da procura, revelando aos mais novos o retorno pessoal que a educação lhes pode oferecer. Reparem neste pormenor: aos 23 anos, o salário dos que terminam a licenciatura vale só mais 30% dos que têm o secundário. Aos 50 anos, é superior em mais de 400%. Ou seja, é preciso mostrar que as contas não se fazem no curto prazo. Dizem-me: mas isso cabe a cada pai explicar aos filhos. Era bom que fosse assim tão simples.

No mesmo estudo, Mário Centeno sugere que estas primeiras conclusões seriam estimulantes se todos tivessem iguais capacidades de se manter na escola. Mas não têm: mesmo pondo de lado a lotaria genética, o estudo revela uma correlação direta entre a educação dos pais e a futura educação dos filhos, o que ajuda a perceber porque a desigualdade é tão persistente. Os dados são reveladores: em famílias onde os pais não sabem ler nem escrever, 95% das crianças não vão além do ensino secundário. E mesmo em famílias onde os pais completaram o liceu, apenas 38% dos filhos conseguem ir além desse grau de ensino. É terrível. Quando se sabe que 75% dos atuais pais portugueses têm escolaridade igual ou inferior ao 9º ano, percebe-se o desafio. Ser filho de um pai pouco escolarizado é ser um adulto igualmente pouco escolarizado. Perguntam: e não é assim nos outros países? Não: em Espanha, 52% dos filhos de pais com o 9º ano vão além desse grau de ensino. Na Bélgica, 71% superam os pais na educação.

Julgo que fica claro o essencial: não basta alinhar discursos contra o sistema capitalista para corrigir a desigualdade social. Há motivos mais simples que explicam o que torna a desigualdade tão permanente. O que permite a Centeno ensaiar uma conclusão: é preciso revelar a todos estes jovens o extraordinário retorno que podem receber da educação. Talvez assim se consiga ajudá-los a contrariar a sua triste sina.

Crónica de Martim Avillez Figueiredo no jornal *Expresso*, 30 de maio de 2015, Primeiro Caderno, p. 42

1. O autor do texto aborda as vantagens do prosseguimento de estudos.
 - 1.1. Em que documento se baseia? (1 valor)
 - 1.2. Enumere algumas dessas vantagens. (1 valor)
2. Demonstre, com dados fornecidos pelo texto, a correlação direta entre a educação dos pais e a futura educação dos filhos. (1 valor)
3. Considerando a correlação referida na questão anterior, qual a situação de Portugal entre os outros países referidos no texto? (1 valor)
4. Segundo o texto, a quem caberá inverter esta tendência e como? (1 valor)
5. Dê um título ao texto e justifique. (1 valor)

II

Elabore um comentário coeso e bem estruturado (mínimo de 200 palavras) em torno do seguinte excerto do texto, baseando-se, se possível, na sua experiência pessoal: (4 valores)

“(...) quem estuda vive melhor no futuro.”